

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.553

Terça-feira, 18 de Dezembro de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

O leitor que amar com sinceridade a Liberdade e o Progresso deve obter outro leitor para "A BATALHA" que defende esses princípios sublimes

## O MOMENTO POLÍTICO

# CUNHA LEAL QUERE UM GOVERNO APOIADO NAS ESPADAS

Um político inteligente e audacioso que põe as suas qualidades ao serviço da reacção burguesa—De nada valerão a inteligência e a audácia desde que se lhe oponham as armas poderosas da Razão e da Justiça—O povo quer pão, não quer governos fortes; quer trabalho, não quer política; quer justiça, não quer espadas; quer Liberdade, não quer palavras!

Na política portuguesa, francamente o confessamos: só existe um homem verdadeiramente perigoso, porque reúne duas qualidades raras entre os políticos—inteligência e audácia. E' frequente encontrar um político audacioso, arrojado, capaz de praticar, sem o menor pudor, os actos mais disparatados, mais extraordinários, com o ar mais natural deste mundo. Mas a esses audaciosos em regra falta-lhes a inteligência. Também não é raro, embora seja um pouco mais difícil, encontrar um político inteligente mas sem a audácia que leve à prática os planos e os projectos da inteligência. O político mais perigoso é actualmente o sr. Cunha Leal, porque reúne na verdade essas duas qualidades—inteligência e a audácia.

Mas a inteligência e a audácia, belas qualidades humanas que postas ao serviço das causas honestas, servem o progresso e a civilização, quando colocadas ao serviço do despotismo, da iniquidade, da política cujo vergonhoso espectáculo assistimos, são instrumentos de retrocesso e devem ser combatidos.

O sr. Cunha Leal pôz a sua inteligência e a sua audácia ao serviço da mais odiosa reacção, manobra essas suas qualidades num sentido inverso das aspirações e das tendências do povo. Assim, admitindo que a sua inteligência fosse mais fulgu-

rante e a sua audácia maior e mais forte, o sr. Cunha Leal teria o desgosto de vê-las inutilizadas pela onda irresistível do progresso que tem derrubado as inteligências e audácias mais poderosas do que a sua.

A conferência que o sr. Cunha Leal fez ontem na Sociedade de Geografia é uma manifestação de inteligência, possui indubitavelmente passagens audaciosas, mas que importa, se a nossa época não as aceita, se as teorias expostas só pela violência poderão viver uma vida efêmera?

Para o sr. Cunha Leal, só é possível um governo apoiado na força das espadas, governando aberta e francamente a favor da burguesia que é preciso salvar. Ilusão, pura ilusão, sr. Cunha Leal! Os governos mais fortes, os exércitos mais organizados podem cair estrondosamente, derrubados pela força da razão. E se o sr. Cunha Leal está disposto a jogar a sua inteligência e a sua audácia pela razão da força, também haverá em Portugal homens audaciosos e inteligentes dispostos a jogar a sua vida pela força da razão.

O sr. Cunha Leal está do pior partido, porque embora possua a inteligência e a audácia, armadas perigosas nas suas mãos, falta-lhe entretanto a suprema força, a maior—a razão.

também o grito de abaixo a ditadura que cai de uma galéria.

Na assistência havia bastantes oficiais do exército a parizana e alguns lardados—entre eles o sr. Lelo. O homem que vós e governa—bastantes padres e os influentes do Centro Católico.

O sr. Júlio Dantas ainda não veio. Nem vem porque não gosta das sensações violentas—assevera-se. E' mentira, gosta tal, e passados minutos, a sua presença marcada por debéis aplausos o confirma.

Pertíssimo das 22,30 o sr. Cunha Leal que está cercadíssimo de amigos começa a ouvir o sr. Ginestral Machado rouquejar-lhe um banal elogio dizendo que ele dispensava a apresentação e seria estranho e extravagante pensar o contrário. Chamou-lhe entre coisas "homem profundamente verdadeiro"—para amanhã com esta notável ausência de sinceridade dos políticos lhe vir a chamar "homem profundamente mentiroso".

Quando o sr. Cunha Leal ia iniciar o seu discurso levantou-se ruído. Voltando-se para os que provocavam ruído protestou que procurassem abafar-lhe a voz "homens sem coração e sem cérebro". Findo o ruído diz que é um político de cara descoberta que tem grandes responsabilidades na política e a elas nunca recua. Afirma a sua importância: "Sou bastante republicano, sou um parlamentar, sou um ministro que espera que lhe deem successor para um golpe de preto..."

O ex-director do "Século" ataca a imprensa mercenária que falsifica a opinião pública. O ex-machadista, o ex-sindonista, o ex-populista, o ex-independente ataca os políticos. Diz que eles raciocinam mal. E' um mau raciocínio—disse alguns um homem de talento—uma desonestidade.

A política do sr. Alvaro de Castro sendo um produto dum mau raciocínio é a pior das desonestidades. Vibrada esta estocada num seu competidor agora triunfante, o político ataca os políticos. Segundo o sr. Cunha Leal que tem nas decisões e nas mudanças bruscas de opinião a velocidade dum vento de tempestade, os políticos não actuam, discursam. Palavras, palavras, palavras—quando era preciso—prafrescando Danton—acção, acção, sempre

acção. Diante dos maiores acontecimentos, nas situações mais tétricas, menos diante dum terramoto, os políticos não agem, não se mexem—moem palavras. Palavras é que ainda lê está fazendo. Esta afirmação faz sorrir disfarçadamente grande parte da assistência.

Neste momento para o sr. Leal a questão do regime é secundária; a questão principal são os homens. E'—acrescenta—se não há homens no campo republicano, existem eles porventura no campo monárquico.

Há desdens, dúvidas diabólicas, em quasi todos os rostos, acerca da existência de homens nesses dois campos políticos. Tudo parece dizer uma verdade: "só há estômagos."

O sr. Cunha Leal sentindo-se homem no meio duma grande falta de homens afirma que o povo nutre um grande desprezo pelos políticos. As invectivas são justas—afirma o orador, aplaudindo assim a pateada com que o país acolhe os políticos sem excepção os que dão pulos de partido e de opinião troçando no dinheiro do Soto Maior e no da Mosagem.

O sr. Cunha Leal dá um pulo e eleva a voz para dizer que o sr. Ernesto Charles talento de capa amarela (3 francos e 50 por volume) que diz que o poder absoluto desenvolveu um grande papel na civilização citando a obra de Richelieu, Luís XIV e Pedro, o Grande, da Rússia. O conferente dá outro pulo e diz "emos filhos espirituais da Revolução Francesa"—e começa a dizer mal da mãe. Para incorrer no crime de matricídio reduz a revolução francesa a uma dúzia de punhaladas que escorregam na epiderme desse grande acontecimento.

Salta por cima do feudalismo, esgrava a grande indústria, debica levemente o sufriço universal e dá um pulo de dois séculos para falar na guerra. Com a velocidade adquirida das frases anteriores diz que a guerra foi uma revolução maior do que a francesa. Salta para trás, para o século 18, valsa umas considerações rápidas sobre o arescimento do poder do Estado, inimigo da liberdade e da iniciativa individual, salta para o Estado germânico que absorve o indivíduo. Depois numa

série de saltos curtos faz várias considerações sobre princípios que perdem vencendo, e princípios que ganham perdendo.

Da guerra à revolução russa vai o sr. Cunha Leal... frase com pronúncia beirã. O conferente ora em grito, ora em murmúrio, ora em voz cava, trágica, solene, sarcástico e profético e "rabestânico" assevera que a revolução russa embora perdendo parte das suas características, vai minando o sub-solo da Europa. Do oriente vem todos os misticismos. O último constitui a mística revolucionária do socialismo russo.

Larga os russos e fica-se nos políticos. Bate nêles, diz que são náupragos à procura de tábuas de salvação, diz que as tábuas não salvam senão quando há embarcações perdas. E' há pouco duma hora que o sr. Cunha Leal está para entrar no assunto.

Ser conservador—actualmente—é querer... conservar o que é possível... O mesmo pensa o cidadão Anastácio com joia de secos e molhados e ainda é primo do conselheiro Acácio. Alguns Acácios muito conselheiros, aplaudem...

Ninguém—continua—tem o direito de falar em nome do seu egoísmo. O sr. Leal altruista e desinteressado... Al vem a onda revolucionária, composta por desordeiros de cima e desordeiros de baixo, que dão tiros, fazem descer o câmbio, são pinguços, o diabo a sete mãos e a revolução revolucionária de logares comuns. O poder central curva-se, é um farrapo humilhado. E o sr. Cunha Leal que cobra o farrapo...

Disciplinadas, aguerridas, casem umas frases sobre o Parlamento, que não é sopita para todo o serviço... mas apenas para as ocasiões normais que não são estas, porque o Parlamento derrubou o conferente.

Se qualquer Afonso Costa vindo de Paris numa condessinha o quiz armar de pés e mãos... O sr. Alvaro de Castro queria eu que conspirasse contra o Afonso. Estou velho para conspirar... Nunca procurou assassinar ninguém declara o autor da projectada Pena de Morte.

O sr. Leal vai emfim entrar no assunto. Fala no Poincaré, e elogia-o; fala

no Mussolini e elogia-o; fala no Rivera e elogia-o. Os governos só poderão fazer alguma coisa apoiados na força pública. Os gritos "abaixo a ditadura" não o assustam porque a ditadura é inevitável.

Audaciosamente, lisongeia as espadas, suplica-lhes que saiam da banha para apoiar uma ditadura. Para justificar a defeza dum pronunciamento militar desvirtua as coisas diz que a disciplina do exército não pode ser a mesma da guerra. O exército não se deve envolver na política tem o direito de ficar quieto diante dos "deveres da pátria", deve mexer-se para lhe ministrar o remédio eficaz, da ditadura elixir mágico que tudo salva. Exige-se a um governo para lhe assegurar a sua existência para entrar uma revolução uma condição indispensável: não governar.

E' a primeira vez que um governo—o governo Ginestral—cai por ter emssado uma revolução. E' a primeira vez que os cômpliques duma revolução—a maioria democrática parlamentar—a não abandonam.

Há políticos com os dentes fíncados no cachão da pátria. O conferente aponta vários factos e lisongeia novamente o exército. O exército é tudo—sendo também a única força organizada. Porque não há de ele fazer uma ditadura. Quem há-de governar em ditadura? O sr. Cunha Leal diz que há de ser na política aquilo a que tem direito pelos seus méritos pessoais. Perceberam?

Se o futuro da pátria está nas colónias o futuro político do sr. Cunha Leal "está no exército". A conferência retirando-lhe o que estava a mais, bem espremidinha dá uma assembleia geral de espadas presidida pelo sr. Cunha Leal que diz do exército tudo aquilo que pode comover um coração de pedra. E o exército que não é de pedra...

Nota pitoresca: Um dos assistentes aborrecido com a falta de logar, retirou-se antes da conferência, dizendo convicto:—Vou aqui, para o lado, ao Coliseu, ver os palhaços. E' a mesma coisa.

Discordamos: Os palhaços tem mais chiste e saem, modestamente, mais baratos.

## As aspirações dos negros angolenses

E' preciso que se saibam as injustiças que se praticam e que os falsos paladinos cuidadosamente ocultam

Carta aberta ao presidente da Liga Africana

Ex.º sr. dr. José de Magalhães, presidente da Liga Africana.—Se v. ex.º tivesse a infelicidade de viver em terras de Africa dispensava quaisquer esclarecimentos sobre o eterno conflito de brancos contra os pretos. A sua consciência rebelar-se-ia perante os actos canibalescos de que permanentemente somos vítimas e sentiria a dor que nos retalha o coração, porque o chicote rasga, também, o seu corpo. Mas não, v. ex.º ocupa uma elevada posição social e vive num ambiente favorável as metalfóras cutâneas; é alvo de mesuras transeantes e deve ainda ser tratado com honras especiais. Todas estas deferências aumentam os perseguições do homem que é em geral susceptível de se enapamora do que o rodeia, na deliciosa absorção de um sonho colorido.

Por isso carece de certo conhecimento da nossa situação para se precitar do mau conceito que a sua atitude no Congresso Pan-Africano suscitou, e cujas consequências nós, e só nós, estamos sofrendo. Quando da sua ida, aliás estrondosa, às cidades de Londres, Paris e Bruxelas, raiou uma esperança colectiva de vermos suavizado o tratamento desumano que nos é infligido e muitos, indo além da natural lógica das coisas, contaram ver cessadas as atrocidades. Gostamos desse momento de expectativa até que nos chegaram notícias. Uma decepção. Os nossos delegados comunicaram ao mundo que as colónias portuguesas, quanto às suas aspirações nativistas viviam satisfeitas, existindo nelle associações que zelavam pelos direitos dos negros.

Esta afirmativa que a nosso respeito, v. ex.º fez no acto sagrado, talvez mais agravado do que a cura de um ou outro dos seus doentes, constituiu para nós uma ignóbil especulação que é obrigatório desmentir.

Alguns nativos na Metrópole—salvo honrosas excepções—formaram uma típica opinião sobre os angolenses, qual seja a de serem estes refractários ao "comunitário ideal". Sem pretender justificar-nos dessa accusação, destituída de base por parte daqueles que não querem analisar os factos e remediar as suas causas, a ligeiros traços vamos aclarar este ponto obscuro.

Não há movimento nenhum social triunfante sem ser secundado pelos elementos menos fortes a quem os paladinos devem sempre prestar a protecção que anima e a incondicional defesa que encoraja, sendo um dos principais meios de se obter maior número de adeptos—única garantia, afinal, de vida e utilidade associativas.

Nesta ordem de ideias a v. ex.º, como presidente da Liga Africana, mais do que a ninguém, compelia dar as provas de civismo que nos faltam, divulgando estes horrores, verberando esta bárbara administração. Todos sabem—e v. ex.º não ignora—que presentemente as nossas reclamações ao país provocam o riso dos detentores do direito brutal das armas, sendo isso mesmo um dos motivos porque lhe cumpria dizer

ver todos os padrões, todos os malandros, todos os exploradores? A quem recorrerá a Patronal, essa Patronal que a três dous cobres se propunha livrar, os poderosos de todos os perigos e calamidades? O organismo da ordem não tem força para meter na ordem o senhorio, um simples senhorio...

Como poderão os filiados na Patronal, dormir descansados e confiados na protecção daquela pseudo associação? E' ridículo, é vergonhoso, é esmagador para a patronal, que tantas postas de pescada arrotou, que publicava anúncios em cifra para nos fazer supor uma organização secreta de temível poder, deixar-se assim enganar por um senhorio qualquer e por um secretário que esquecendo-se de depositar a importância da renda talvez não se esquecesse da quantia que o senhorio oferecia para expulsar do prédio o inquilino que o protegia...

Alguns nativos na Metrópole—salvo honrosas excepções—formaram uma típica opinião sobre os angolenses, qual seja a de serem estes refractários ao "comunitário ideal". Sem pretender justificar-nos dessa accusação, destituída de base por parte daqueles que não querem analisar os factos e remediar as suas causas, a ligeiros traços vamos aclarar este ponto obscuro.

Não há movimento nenhum social triunfante sem ser secundado pelos elementos menos fortes a quem os paladinos devem sempre prestar a protecção que anima e a incondicional defesa que encoraja, sendo um dos principais meios de se obter maior número de adeptos—única garantia, afinal, de vida e utilidade associativas.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

A Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

A Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

A Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

A Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

## A CONFEDERAÇÃO PATRONAL

foi despedida pelo senhorio da casa onde está instalada—Um organismo vítima das suas próprias teorias

"Quem semeia ventos colhe tempestades"

Os leitores ainda não esqueceram, apesar de há muito tempo não dar de si, a Confederação Patronal.

O organismo pseudo-defensor da classe patronal, mantém-se num mutismo profundo. Criado para defender a ordem social estabelecida esse organismo estava ao lado dos patrões contra os operários, do Estado contra o povo, da arbitrariedade contra a justiça, do rico contra o pobre, do senhorio contra o inquilino.

Berrou, barafustou para proteger estes princípios iníquos—a que dava o nome de princípios de ordem—porque a ordem, para a Patronal, é a desordem em que nós vivemos, a desordem que permite ao comerciante roubar livremente, ao industrial esmagar o operário, ao militar julgar o povo, ao juiz condenar o justo, ao proprietário arremessar para o meio da rua os inquilinos explorados.

A Confederação Patronal, sempre que surgia uma greve colocava-se ao lado do patrão e incitava a todas as atrocidades e injustiças, no desejo de

roz de ver o explorado mais explorado, o tiranizado mais tiranizado.

A sua missão não era outra senão a de proteger o carrasco, de ajudar os usurpadores, de incitar os poderosos ao atentado contra os mais elementares princípios de justiça e de equidade.

Pois, caros leitores, essa Patronal, esse da ordem social estabelecida, amiga dos proprietários e dos senhorios, vai ser expulsa da casa onde está instalada. O senhorio não a quer lá, o protegido d'um pontapé ao protector. A Confederação Patronal é vítima da sua própria acção.

Contemos o caso.

O senhorio do prédio onde está instalada a Patronal, não se sentindo feliz com um inquilino daquela natureza, resolveu comunicar-lhe que precisava da habitação. Oferecia a quantia de quarenta contos, como indemnização, para a Patronal se desalojar. Esta não aceitou, encarregando-se o tesoureiro de depositar na Caixa Geral dos Depósitos a importância da renda.

Mas o secretário da Confederação Patronal lembrou-se de, precisamente naquele momento, embriar com os serviços do tesoureiro. E tais maneios fez, que conseguiu afastá-lo dos serviços, ficando no seu lugar, Competia-lhe, então, a ele, secretário, depositar pontualmente a renda para que o senhorio, sempre alerta, não cometesse qualquer tração.

Pois, o secretário que conseguiu afastar o tesoureiro, parece que fez essa manobra no intuito apenas de se esquecer de depositar pontualmente a importância da renda na Caixa Geral dos Depósitos. E os quarenta contos que o senhorio oferecia talvez já tivessem evitado qualquer atropalhamento intimo...

A Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

Quando a Confederação Patronal vai para o lado da rua, mercê do desleixo daquella, e a quem incumbia velar pelos interesses dessa odiosa agremiação.

### Falta de consciência

Informamos-nos que no Olio de Boi em Almada, alguns operários que ali trabalham e que são daquella localidade, opõem-se a que outros de Lisboa, também lá empregados, abram quotas a favor dos presos por questões sociais. Chegam ao extremo de, no fim do trabalho, e quando os operários de Lisboa regressam, provocarem estes constantemente.

Com tal procedimento, revelam aqueles trabalhadores uma grande falta de consciência, porquanto, se não querem contribuir para os presos, não devem provocar e insultar os seus camaradas que se encarregam dessa obra de solidariedade, evitando assim possíveis conflitos.

Trabalhadores: LEDE "A BATALHA"



# EM BOURGES

## O Congresso da C. G. T. Unitária

O delegado belga Lahaut, representante dos Cavaleiros do Trabalho, da Bélgica, organização aderente à I. S. V., principia relatando alguns factos do movimento social daquele país, mas a certa altura apresenta os anarquistas de gôrra com a polícia.

A minoria ergue-se num ímpeto, gritando: — Fora, caluniador... —

O orador não pode continuar diante da atitude da minoria, cujos protestos se tornam cada vez mais enérgicos e ruidosos.

No meio do incidente falei vários congressistas, entre os quais Lartigue, que afirma que o pagamento dos anarquistas é revolucionário.

O presidente, Rucamond, afirma que se Lahaut continuar falando, os trabalhos serão interrompidos. Pede à maioria que aprove, que lhe seja retirada a palavra. A maioria concorda, Lahaut desce da tribuna, e os trabalhos continuam.

O incidente encerra-se com a declaração de Monmousseau, de que a maioria é solidária com o governo dos Soviéticos. A maioria aplaude a declaração.

Tenente, da tendência da I. S. V., diz que a minoria permanece numa torre de marfim, recusando-se a entrar na realidade, deixando-se ficar amarrada a fórmulas, a teorias e a frases. A anarquia é impraticável e os trabalhadores não podem depender dum organismo de seita. Ataca a Internacional de Berlim. Acusa a Federação da Construção Civil de fazer ditadura e ao mesmo tempo combater a ditadura, mas os seus esforços para a scisão, mas os seus esforços para a evitar tem resultado impróprios devido à atitude da I. S. V.

Bernard refere-se à Conferência de Frankfurt onde estiveram representantes de cinco ou seis partidos comunistas e a C. G. T. U. Bernard é obrigado a interromper o seu discurso por ter de se encerrar a sessão devido ao adiantado da hora.

No dia seguinte, às 8.45 abre a sessão. Bernard prossegue. As modificações que se fizeram nos estatutos da I. S. V. não correspondem às que a C. G. T. U. tinha reclamado. Os acordos circunstanciais entre a C. G. T. U. e o partido comunista transformaram-se em permanentes. O sindicalismo francês perdeu o seu carácter específico, desde que a sua autonomia deixou de ser respeitada. A abdicação a que o condenaram leva-o a uma morte certa. Os comités de acção são uma forma velada de ligação orgânica.

Matton defende a ideia de que o sindicalismo se basta a si mesmo. Defende a moção Lartigue considerando-a uma emanação do verdadeiro sindicalismo. Ataca os que pretendem colocá-lo sob a direcção e a autoridade de um partido político e negar-lhe o seu poder revolucionário. Entende que, quando se concertar um plano de acção com outros agrupamentos, a C. G. T. U. é que deve dirigir-lo.

### POR ESSE MUNDO FORA

#### INGLATERRA

**Os trabalhistas no poder?**

LONDRES, 16. — A possibilidade de constituir-se um ministério trabalhista continua a ser o assunto do dia. O sr. Lloyd George publicou um artigo em que declara que os liberais devem apoiar um governo trabalhista, mas Lloyd Birkenhead, ripostando, publicou no "Sunday Times" um violento artigo demonstrando que não há motivos para a constituição de um gabinete trabalhista, pois os socialistas, até agora, não deram ainda provas de estarem especialmente habilitados a governar, e, por outro lado, todo o país repele a actual situação política, pois o partido trabalhista ocupa apenas um terço da Câmara dos Comuns.

#### Telefonia sem fios

LONDRES, 17. — As recentes experiências de telefonia sem fios através do Atlântico prometem brilhantes resultados práticos que serão objectos de grande desenvolvimento no futuro. Estão-se fazendo estudos acerca da possibilidade de se conseguir vir pela telefonia sem fios. A Liga das Nações está estudando já as regulamentações internacionais para a autorização destes novos inventos, devendo ser convocada uma conferência sobre o assunto nos meados de 1924, onde estarão representados não só os governos como as empresas particulares.

#### GRÉCIA

**As lutas políticas**

ATENAS, 17. — As eleições decorreram muito serenamente mostrando-se o eleitorado favorável aos venizelistas. A oposição absteve-se de votar.

Os políticos em evidência julgam que é difficilissimo manter-se a realidade na Grécia e que o país caminha a passos largos para a república. Os inculcados no último movimento revolucionário foram já condenados a várias penalidades.

#### Opiniões americanas

WASHINGTON, 17. — O governo americano segue com muita atenção os esforços empregados pela Romenia, pela Yugoslávia e pela Inglaterra para evitar o estabelecimento da república na Grécia. A Romenia e a Yugoslávia devem grandes somas aos Estados Unidos e este país não permitirá que esse dinheiro seja utilizado para contrariar as aspirações dos republicanos a favor de uma dinastia estrangeira e que o povo repulsa. O governo americano não se preocupa com a acção da monarquia inglesa porque em breve os trabalhistas tomando conta do governo impedirão que a Inglaterra apoie as monarquias estrangeiras, a menos que o partido trabalhista se não deixe vencer pelas blandícias da Corva. O ministério dos negócios estrangeiros ordenou que lhe fossem fornecidas informações detalhadas acerca das eleições gregas e da actividade dos agentes estrangeiros.

#### CHINA

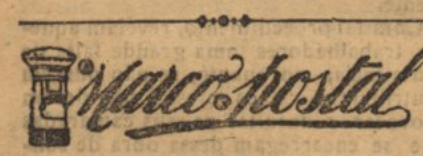
**Caça às vacas gordas**

SCHANGAI, 17. — Um grupo de 3.000 bandidos tem atacado várias povoações queimando-as e saqueando-as e aprestando as personalidades de mais destaque e fortuna. Foram enviadas tropas regulares para os castigar.

#### MÉXICO

##### A guerra civil

NEW-YORK, 17. — Correm aqui boatos desencontrados sobre a revolução mexicana. Diz-se que o general Obregon fugiu para Guanajuato, onde se lhe virá retirar o governo perante o qual o general apresentará a sua demissão. Diz-se também pelo contrário que Obregon está disposto a resistir e que já se levantaram barricadas nas ruas do México. As forças governamentais tem sido derrotadas em vários recantos, estando os revolucionários de posse de várias cidades importantes.



Portimão. — A. Fernandes. — Segue hoje a vossa encomenda.

Pôrto. — M. J. Luis. — Entendido quanto ao estado da sua assinatura.

### Tribunal dos Arbitros Quindores

#### Um protesto dos delegados operários

Realizou-se antontem a eleição para árbitros operários e patrões que não de constituir a pauta do tribunal nos anos 1924 e 1925, tendo sido eleitos, pelos operários, Inácio Marques, Joaquim da Silva, Vitor Castro Reis Araújo, Carlos Maria Coelho, Ezequiel Barros dos Santos e Carlos Dinis.

As serem proclamados eleitos os camaradas acima assim como os vogais patrões, constatou-se o facto de que no número dos patrões eleitos figurava um tal Raúl Gama, indigitado pela célebre Confederação Patronal, o que levou os operários eleitos, assim como todos que assistiram à eleição, a protestar contra a inclusão na lista do nome daquela criatura representante dum organismo prejudicial aos trabalhadores, declarando os árbitros operários ao juiz presidente do tribunal que não colaboravam com semelhante criatura nos julgamentos que venham a realizar-se, pois que sendo os árbitros delegados de associações legalmente constituídas, não está a Confederação Patronal no número das associações, quer seja de operários quer de patrões.

### Coluna esperantista

**Popola Esperantista Klubo.** — Reúne hoje para resolver sobre a cotização da S. A. T. Pede-se a comparença de todos os interessados.

### QUEM QUER

vestir bem e barato confronta os preços do

### Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos.

Lã em fio para malhas.

### Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

### Festas associativas

#### Cooperativa Fabril Naval

Comemorou antontem o seu 6.º aniversário, encontrando-se por esse facto, desde as oito horas patente ao público todas as suas dependências, que estavam vistosamente engalanadas.

Cerca das 15 horas, teve início a sessão solene, à qual presidiu o delegado da Federação Nacional das Cooperativas, secretariado pelos delegados da Cooperativa do Funcionalismo e do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Corderaria Nacional.

Depois de lido o expediente, que constava de diversas saudações de colectividades congêneres representadas e não representadas por delegados, usaram da palavra os representantes das cooperativas Oriental, do Funcionalismo, 2.ª Comuna, do Pessoal do Estabelecimento Fabril, do Ministério da Guerra, do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Corderaria Nacional, e da Federação Nacional das Cooperativas, que foram unânimes em reconhecer a necessidade do cooperativismo, remodelando-o de modo a que esteja apto a desempenhar o lugar que lhe está reservado na sociedade futura.

Seguiu-se-lhe uma conferência pelo dr. sr. Carneiro de Moura, que largamente dissertou sobre o Cooperativismo sob os seus diversos aspectos, na antiguidade e no presente, afirmando que foi o povo português o que melhor o compreendeu e praticou em épocas longínquas, esperando que tempo viria ainda que de vez acabasse a situação que neste momento se atravessa, de egoismo feroz.

Finda a conferência, teve início um concerto musical por um grupo de músicos da banda da G. N. R., ao mesmo tempo que, no gabinete da Direcção, era servido um delicado copo de água a todos os delegados e convidados presentes.

### JOVENTUDES SINDICALISTAS

**Federação. — Comité federal.** — Reúne hoje, pelas 21 horas, para apreciar assuntos de importância, entre os quais apreciará a ordem de trabalhos da próxima reunião do Conselho Federal.

**Núcleo do Porto. — Sede Central.** — Reúne uma comissão administrativa, apreciando um officio da comissão pró-Solidariedade a Manuel Mário Ramos, que foi tomado em consideração. Disputa-se a propaganda a desenvolver os jovens, resolvendo-se dentro de breves dias realizar uma festa no sentido de arranjar receita para as despesas do próximo congresso, contando desde já esta comissão com o apoio de todos os jovens sindicalistas bem como de todos aqueles que sympathizam com a nossa causa. Mais se resolveu abrir uma inscrição para todos aqueles que queiram aprender português e aperfeiçoamento de caligrafia, esperando esta comissão que os jovens se interessem pela instrução pois se torna bastante necessária.

Tomando-se conhecimento da constituição dum Núcleo de Jovens Sindicalistas em Valença do Minho, resolveu-se saudar-lhe incitando-os a que prossigam na propaganda dos princípios sindicalistas que bem necessária se torna nestes momentos.

A comissão encarregada de arranjar receita pró-congresso, convida todos os jovens que a queiram ajudar a reunir na quinta-feira, às 21 horas.

### AS GREVES

**Polidores do empreiteiro Alvaro (Casa Manuel Lopes & Sacadura, Ld.)**

Continua a greve dos operários polidores desta casa. A comissão de melhoramentos do S. U. Mobilário, a quem o caso foi entregue, avistou-se ontem com o empreiteiro que alegou não poder satisfazer a reclamação porque os patrões o não autorisavam, visto não lhe aumentarem o preço das obras. Ficou contudo de se avistar novamente com os patrões para depois se pronunciar. Em face disto, a referida comissão entrevistou-lhe hoje novamente. Os grevistas devem comparecer hoje no Sindicato, às 20 horas.

### EM CASCAIS

#### Operários da industria de conservas

CASCAIS, 17. — Ainda não se modificou a situação criada por alguns industriais que negam o aumento de salário reclamado pelos operários.

No sábado, quando os operários dum fabrica da qual é encarregado Francisco Noronha foram receber os dias que haviam trabalhado, foi por aquele respondido que o patrão não estava. Os operários fizeram-lhe sentir que necessitavam do dinheiro que já estava ganho, e o Noronha foi buscar uma pistola.

Naquella altura, o operário da mesma fabrica João Correia, que se encontra ferido numa mão devido a acidente no trabalho, expobrou o procedimento do encarregado, e este à noite, passando pelo João Correia, agrediu-o.

Parce que amanhã, terça-feira, haverá uma entrevista entre operários e industriais para tratar de resolver o conflito existente.

#### TRABALHADORES: Lide a BATALHA

### Destanso semanal

Os corpos gerentes da Associação dos Cortadores, tendo conhecimento que alguns proprietários de talhos e salchicharias pretendem obter da Câmara Municipal uma alteração ao descanso semanal, sempre que incida nas vésperas ou dias de festa, como sejam Natal e Ano Novo, resolveram avistar-se com a comissão executiva da Câmara no sentido de ficarem ressalvados por um edital os interesses da classe que representam.

#### Acaba de ser posto à venda:

**História ou origem do estabelecimento da Inquisição em Portugal**

por Alexandre Herculano

3 volumes 1890, pelo correio 19370

#### Agremiações várias

**Núcleo Sindicalista Revolucionário.** — Reúne hoje, às 1 horas.

Telefone Norte 3049

HOJE

TEATRO NACIONAL

HOJE

A VERTIGEM

Retumbante êxito

### VIDA SINDICAL LISBOA NA RUA

#### Atropelamento

Na enfermaria de São Francisco do hospital de São José, deu entrada Joaquim Gonçalves Ferreira, de 45 anos, marítimo, residente na rua Marquês do Alegrete, 67, 2.º, que na rua da Palma foi atropelado por um eléctrico, ficando ferido na cabeça e pé direito fracturado.

#### Quedas

Na enfermaria n.º 2 do hospital de Arroios deu entrada Manuel Soares Moreira, de 37 anos, jornalista, residente na Avenida Presidente Wilson, 42, loja, que deu uma queda por uma escada na rua do Machado, ficando contuso nas costas.

Na enfermaria de São Francisco do hospital de São José deu entrada José Júlio Peres, de 48 anos, fabricante de calçado, residente na travessa dos Fiéis de Deus, 6, loja, que caiu na rua do Norte, ficando ferido na cabeça.

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José deu entrada José Rodrigues de Carvalho, de 26 anos, soldado 144 do 2.º esquadrão da G. N. R., que na rua da Mouraria caiu da montada, fracturando a perna direita.

Na enfermaria n.º 8 do hospital do Desterro deu entrada Aurora da Conceição Santos, de 41 anos, operária da fabrica de oleados e encardos no Alto do Vaqueiro, que na mesma fabrica deu uma queda, ficando muito contuso pelo corpo.

#### Na morgue

Na morgue deu ontem entrada um indivíduo cuja identidade se desconhece e que foi encontrado morto na rua do Carmo, Teófilo, de 25 anos, operário do mercado que no domingo passado se effectou no lugar do Monte, desviaram-se no regresso, resultando o Silva ser ferido pelo Carlos com um tiro no pescoço.

#### Desordens

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo José Agostinho da Silva, de 26 anos, trabalhador, natural e residente no Monte de Caparica, na quinta da Farrapa, que tendo ido com companhia de outros indivíduos, entre eles Carlos Teixeira, de 25 anos, ao mercado que no domingo passado se effectou no lugar do Monte, desviaram-se no regresso, resultando o Silva ser ferido pelo Carlos com um tiro no pescoço.

— Ontem, em Cezimbra, depois de uma violenta discussão por questões de trabalho, envolveram-se em desordem Salvador Francisco Borba, de 55 anos, pastor, Júlio Pombro, de 30 anos, e António Pombro, de 26 anos, trabalhadores, todos residentes em Cezimbra. O filho do primeiro, Carlos Salvador Gomes, de 18 anos, sapateiro, correu em socorro de seu pai, o que lhe valeu ser agredido com uma paulada na cabeça, que lhe fracturou o crânio.

Recebidos os primeiros socorros, foi o ferido transportado para Lisboa e conduzido num automóvel da Cruz Vermelha ao hospital de São José, onde o Banco foi operado pelos drs. srs. Santos Paiva e Carmona, recolhendo depois à enfermaria n.º 7 do hospital do Desterro.

#### Os que roubam fora da lei

António dos Santos Carvalho, de 30 anos, industrial, morador nas escadarias do Monte, 1, foi assaltado por três indivíduos seus desconhecidos, próximo a Palhava, que lhe roubaram uma carteira com 9.200\$00 e o feriram com um tiro no ombro esquerdo. O ferido recebeu curativo no hospital de São José, recolhendo a casa.

#### Por causa dumas galinhas

Ontem, alguns civicos da esquadra dos Terramotos dirigiram-se ao sítio do Monte Prado, próximo à rua Maria Pia, a fim de procederem às necessárias investigações sobre um furto de galinhas que se dera há dias naquella sítio. Alguns ciganos ali moradores ao verem proximarem-se os referidos guardas receberam os a tiro, sendo por estes correspondidos de igual modo.

Resultou ficarem feridos: António Pereira da Silva, ferido n.º 1645 da 21.ª esquadra, que ficou ferido com três balas, no torax, costas e braço direito; Manuel Plumas Maia, de 25 anos, residente no Monte Prado, ferido com duas balas no peito e ventre, e José dos Santos, policia 1860 da 21.ª esquadra, contuso no nariz, os quais receberam os primeiros socorros no posto da Cruz Branca, sendo depois removidos para o hospital de Santa Marta, onde os dois primeiros ficaram hospitalizados, recolhendo o último a casa.

#### SECÇÃO TELEGRAFICA

##### C. G. T.

Júlio de Matos. — metalúrgico. — Faz o possível por estares hoje aqui, às 18 horas.

Diário sindicalista 18-12-1923

**Coliseu dos Recreios**

Hoje — A's 21 horas (9 da noite)

2.ª apresentação dos notáveis acrobatas equilibristas

**THE ARKES**

O assombroso e emocionante número

**O BOLIDE HUMANO**

Serenidade Emoção

Arrojo Valentia

FAUTEUILS desde 6\$00

GERAL 2\$00

**EDEN TEATRO**

Companhia de Zuzuela

HOJE — A's 21.30 — HOJE — A zarzuela em 1 acto e 3 quadras **LAS BRIBAS** e a zarzuela em 5 actos e 5 quadras **EL NIÑO JUJITO**. Nesta zarzuela toma parte toda a grande companhia — EXITO — AMANHA — EXITO — A zarzuela de maior sucesso este ano em Madrid, grande triunfo do maestro Pablo Lima — **BENAMOR** — AVISO — Em vista de este Teatro não haver aumento de preço durante o dia e conveniente fazer a aquisição de bilhetes com antecedência. — Suspensas as entradas de favor.

**Interesses de classe**

**Aos operários vidreiros da Marinha Grande**

Como reconhecendo a urgente necessidade que tendes de um sindicato único, onde ingressem todos os operários do vidro, desde o caixoteiro, ao mais habilitado cristalheiro, venho mais uma vez, por intermédio de **A Batalha**, porta-voz da organização operária nacional, fazer-vos sentir a minha sincera revolta contra o indifferente e criminoso que existe nalgumas camaradas refractárias ao sindicato.

Agora, mais do que nunca, deveis atentar na necessidade de um aguerrido baluarte, capaz de enfrentar o torpe capitalismo do qual ha muito vem sendo vítimas todos os camaradas da industria do vidro, sem excepção de especialidades!

E' com conhecimento de causa que a vós me dirijo, exortando-vos a, terminada a luta em que andais empenhados, organizardes o S. U. Vidreiro, para que, de futuro, não tenhais de assistir ao desolador espectáculo de verdes e de amarelos, das vossas comissões de "ad-marchar", dos escriptórios dos venudros industriais do vidro.

Já aqui, em outro escripto vos consignei o desejo de que esportasseis da vossa sede os falsos "apóstolos", os vi-deirinhos da politica. Não fui, porém, bem sucedido, e hoje volto a apelar para as vossas consciências no sentido de que, de uma vez para sempre, enverdecis pelo caminho da Emancipação, expulsando de entre vós os "zangões" cujos interesses pessoais estão por vezes ligados aos do patronato que vos explora.

Côncio de que não clamarei no deserto, continuarei, do cimo da "montanha" para onde me arremessou o ódio da burguesia, a clamar os meus "irmãos", até que a minha voz seja escutada e o meu exemplo seguido.

Eugénio Augusto Ribeiro, operário vidreiro, preso por delicto social em Monsanto.

**CONFERÊNCIAS**

**Na Escola Industrial de Fonseca Benevides**

Promovida pela Liga de Instrução e Educação desta Escola, realizar-se-á na próxima sexta-feira, 21, pelas 21.30 horas, uma conferência sobre a "Origem, razão de ser e utilidade do Esperanto". Dissertará o professor esperantista, sr. Saldanha Carreira.

Aquella associação escolar cumpre assim um dos votos do 1.º congresso dos alunos das Escolas Industriais, em Junho realizado, e convida todos os seus colegas de outras escolas a assistirem a essa conferência.

**VIDA POLITICA**

**Comuna dos Anjos.** — Reúne hoje, pelas 21 horas, com a comparença de todos os seus membros, na sede da Federação.

**Núcleo das Juventudes Comunistas.** — Reúne amanhã para continuação dos trabalhos encetados nesta reunião.

**SOCIEDADES DE RECREIO**

**Grupo Os Desprotegidos Dramáticos da Cova da Piedade.** — Realizaram-se no sábado e domingo, na sede da Sociedade União Piedense, as festas do aniversário da fundação daquele grupo. No sábado à noite subiu a scena o drama em 3 actos "Herança de um marinheiro", desempenhado pelo mesmo grupo. No domingo à tarde houve sessão solene e um acto de variação. À noite representou-se o drama social em 3 actos "Os ladrões de luvá branca", desempenhado pelo Grupo Luvá e Instrução, sendo os intérpretes dum doutro espectáculo muito aplaudidos.

Este grupo é muito estimado pelo operariado porque tem prestado bastantes serviços à organização local.

**VIDA ANARQUISTA**

**Grupo "Os Isolados."** — Reúne hoje, às 20 horas, no local n.º 3.

**Mutualismo e cooperativismo**

**Associação Socorros Mútuos Barbeiros e Cabeleireiros.** — Reúne hoje, às 21 horas.

**A cura das doenças pelas plantas**

Pedidos à administração de **A BATALHA**. Preço 1 escudo. Pelo correio 1\$20.

**Teatro Apolo**

Telef. N. 4120

HOJE: O mais alegre e animado dos espectáculos

As sensacionais atracções

O BOI com Filomena Casado e Alfredo Silva.

Ampliando a popular revista

**Vida Airada**

A menina dos bigodes por Lia Democh, que cantará todos os dias.

O Boido — com Juizo por Otelio de Carvalho. — O homem feio, o pai velho, o saudoso 60 por Joaquim Prata — O casamento de Zumbá e o Xá lá bae... por Lia Democh, Julia de Assunção, Otelio de Carvalho e Arthur Rodrigues. — A militarista por Carmen Martins.

Muitas outras atracções

**São Carlos**

O. 3063

HOJE: Récita promovida pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários — **A Rajada**, com Lucília Simões, e "Um acto de variedades", dirigido por André Brun.

Amanha não há espectáculo pela Companhia Lucília Simões, que vai representar a Setúbal.

Quinta-feira, 20: Récita de Costa Pereira, secretário da empresa e do camaroteiro. "Represa" em representação única de A Vinha do Senhor.

**Últimas notícias**

**NA ALEMANHA**

O Estado não tem dinheiro para pão — e compra granadas

NEW-YORK, 17. — Um grande financeiro americano, cujo nome se oculta, declarou ao correspondente de um jornal estrangeiro que a Alemanha tem comprado ultimamente mais cobre e algodão aos Estados Unidos do que a própria Inglaterra, acentuando que essas mercadorias devem ser destinadas ao fabrico de granadas para o exercito alemão. Desde o dia 1.º de Maio a Alemanha enviou para os Estados Unidos mais de 45 milhões de dólares-ouro, destinados a pagar aqueles produtos.

**Teatro aten na Rússia**

MOSCÓVIA, 17. — Sob o patrocínio do governo dos Soviéticos, inaugurou-se em Moscova um teatro ateu, destinado especialmente a representar obras anti-religiosas.

**A BATALHA**

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

**Vendas Novas**

Falta de trabalho, e vida cara

VENDAS NOVA, 15. — Não obstante o tempo ter corrido algo favorável à agricultura, tem-se feito sentir uma grande falta de trabalho na classe rural, assim como na classe corticeira, motivo porque tanto numa classe como noutra se tem auferido salários verdadeiramente insuficientes para fazer face à enorme carestia da vida que de dia a dia aumenta de uma forma escandalosa, a ponto de atingir em alguns artigos, o cúmulo do roubo!

Mas não é só o comerciante e o senhorio, mas sim todos aqueles que sendo detentores de todo e qualquer artigo indispensável, os fazem subir desumana e descaradamente, ao preço que muito bem lhes aprez...

Até o carvão! No centro de uma região onde tanto se fabrica, subiu ao preço de 5\$0 o quilo e carregado propostamente de água.

Esta situação torna-se insuportável e revolta os espiritos ainda os mais pacatos, porque há lares proletários onde impera a miséria com todo o seu cortejo de privações.

Para tudo isto não olha a casta burguesia nem as autoridades governamentais. Olham sim para as nossas manifestações de revolta, mas não olham para as causas. — C.

**Propaganda anarquista**

Realizou-se antontem, a anunciada sessão de propaganda, na Associação dos Marinheiros organizada pelo Grupo Anarquista Claridade.

O presidente, camarada Silvino Noronha, afirmou a necessidade da classe marítima se educar para conscientemente, tomar parte na luta social que acabará pela substituição das velhas instituições burguesas.

Cristiano Lima afirma que a terra vale pelo esforço, pela inteligência e pela cultura dos que nela habitam. Só há uma única força objectiva o trabalho. Só há uma única maneira de cessar a exploração humana: realizando o trabalhador da solidariedade das suas energias e vontades uma acção que derubando o presente, crie o futuro.

Fala em seguida Mário Domingues que faz salientar a inefficácia da acção politica e com grande número de detalhes demonstrou como a engrenagem do Estado tritura e aniquila todas as intenções e todas as iniciativas. A luta pelo progresso faz-se pelo Estado e visa ao seu aniquilamento.

A sessão que esteve bastante concorrida terminou no meio de grande entusiasmo.

**Os que morrem**

**FALECIMENTOS**

Na enfermaria de São José faleceu ontem António Mendes, de 27 anos, residente na rua Particular, 11, o qual, como noticiámos, caiu no dia 3 último ao porão do vapor português "Silva Gouveia", fundado na doca de Alcântara, tendo chegado ao hospital de São José sem vida.



TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

DESPORTOS

Considerações oportunas sobre a formidável desilusão de Sevilha (III Portugal-Espanha)

Efectuou-se no domingo em Sevilha, como já é do domínio de toda a gente, (de desportistas e de não desportistas), o terceiro encontro anual de seleções de Espanha e Portugal, encontro a que se deu fôros de acontecimento importantíssimo para a vida dos dois países. A ansiedade derivada de tal facto era enorme, justificando-se perfeitamente a permanência de um público numeroso no Rossio, no domingo, à tardinha, ávido de novas, que, de nariz no ar, procurava ler, antes dos outros, as notícias acabadas de afixar. Lá estivemos, admirando aquele fruto doentio da propaganda futebolística a que muitos se tem entregado, falsamente empregando o termo de propaganda «pró-desporto».

As esperanças dos fanáticos que profetisavam uma vitória para os portugueses, ou mesmo um empate—(coisa já muito honrosa), foram iludidas, dispersas ou pulverizadas pelo resultado glacial como um duche gelado de 3 bolas, a 0, a favor dos espanhóis. Não houve entusiasmo no Rossio, como se deve calcular.

Surge aqui o lado pitoresco da questão, para aqueles que se colocam num plano diferente daquele dos furiosos. Consiste o pitoresco em vários detalhes. Um deles: todos atribuem as culpas aos seleccionadores. Como se sabe, o jogador sr. João Francisco havia sofrido uma luxação num braço, num tiro; foi a Sevilha. O comité seleccionador indicava sr. Filipe dos Santos para o lugar de médio centro. Por dificuldade de arranjar capitão, instou-se com o sr. Vitor Gonçalves para aceitar aquele encargo; aceitou por «patriotismo», mas não jogou. O sr. Jaime Gonçalves não fora incluído na linha, mesmo como suplente. Estão vendo os leitores que razões tão diferentes apresento os apunhaçados deste ou daquele jogador para explicar, a seu modo, tão formidável derrota. Muito curioso.

Devese o não ser a derrota muito maior ao trio da defesa: F. Vieira guarda-rede, Pinho e Ferreira, defesas, que foram «grandes». A linha de médios razoável. Os avançados, detestáveis, efectuando avançadas estúpidas. Dos espanhóis, todos estiveram bons, à excepção de Zamora, que, no dizer dum «colosso», esteve... «colossal».

Um outro «colosso» afirma que ele fez «duas defesas». A notícia do primeiro foi destinada a não fazer arreír o entusiasmo dos indígenas, porque sempre dava a ideia de muitas avançadas dos portugueses... Dizia-se, como «blague», que Zamora chegou a pedir uma cadeira para se sentar durante o desfilio.

O combóio especial chegou ontem; também não houve manifestação. Os jogadores chegarão hoje ou amanhã e não deve haver manifestação, é claro. De tudo o que ficou dito se tiram duas lições. Primeira: de futuro não mais haverá dificuldade para formar uma selecção. Arranje-se um Comité seleccionador composto por todos os que se interessam por futebol. Segunda lição: serão satisfeitos as suas línguas. Segunda: teria sido melhor «para o bom nome português», não ter enviado representantes a Sevilha. Dissemos isto mesmo aqui, depois do célebre trisno pago, no Campo Grande. Enfim, como diz um colega nosso, a vingança há de ser terrível, no IV Portugal-Espanha...

Valha-nos esta consolação!—K.

O que houve no domingo

Hockey em patins. — O grupo misto capitaneado pelo sr. Humberto Silva foi vencido pelo Sport Lisboa e Benfica por 3 a 2.

OS Mistérios do Povo

os deuses são, como sempre tem sido, favoráveis a César!

O pretor e os oficiais, a quem o intérprete repetiu a falsa notícia dada pelo piloto, pareceram muito contentes com aquela dispersão da esquadra gaulesa... Vannes ia ser entregue aos romanos, quasi sem defesa, pelo lado do mar.

Então Albinik disse ao intérprete, mostrando-lhe o soldado do machado:

—César desconfiou de mim; benditos sejam os deuses, que me permitem provar a injustiça das suas suspeitas... Não vêdes aquela ilha?... Lá em baixo... a cem remos daqui?...

—Vejo...

—Para entrar naquela enseada, só há duas passagens, uma à direita, e a outra à esquerda da ilha. A sorte da esquadra romana estava nas minhas mãos; eu podia pilotar-vos para um daqueles passos, que não se distinguem um do outro, e uma corrente submarina arrastaria as vossas galeras para um banco de rochedos...; não sequer uma teria escapado...

—Que dizes? exclamou o intérprete, enquanto Meroé olhava para o esposo com dor e surpresa, porque este, pelo seu falar, parecia ter renunciado à vingança.

—Eu disse a verdade, respondeu Albinik ao intérprete; vou provar o que afirmo... Este irlandês conhece, como eu, os perigos da entrada daquela baía, de onde acabar de sair; pedir-lhe-hei que caminha adiante de nós, à maneira de piloto; e de ante-mão vou traçar o caminho que ele deverá seguir; em primeiro lugar tomará o canal à direita da ilha; avançará depois, tocando quasi naquela lingua de terra, que se descobre mais longe; depois desviará-se muito para a direita, até que esteja na altura daqueles rochedos negros que se avistam além; logo que atravessar este passo, apenas evitar estes escolhos, achar-se-há em segurança na baía... Se o irlandês executar à risca esta manobra, desconfiareis ainda de mim?

—Não, por Júpiter! respondeu o intérprete. Seria mister ser insensato para conservar a menor suspeita.

—Que me julguem... replicou Albinik, e dirigiu-se ao irlandês, que consentiu em pilotar os navios. A sua manobra foi a prevista por Albinik. Então este tendo dado aos romanos tais provas de sinceridade, meteu a esquadra em três fileiras, e durante algum tempo guiou-a por entre as ilhotas de que a baía está cheia; depois deu ordem aos remadores que ficassem aos remos. Deste sitio não se podia descobrir a esquadra gaulesa, ancorada no fundo da baía, perto de duas léguas de distância daquele ponto, e escondida a todas as vistas por um promontório muito elevado.

Então, Albinik disse ao intérprete:

—Nós não corremos senão um único perigo, e esse é grande. Há na nossa frente bancos de areia moventes, às vezes deslocados pelas enchentes; as galeras poderiam ali encalhar; é preciso que eu vá reconhecer aquela passagem por meio da sonda, antes de caminhar para ali com a esquadra, que ficará neste sitio sobre os remos, e podeis mandar deitar ao mar a mais pequena das lanchas desta galera com dois remadores: minha mulher irá ao leme; se ainda tendes alguma desconfiança, vós e o soldado do machado, acompanhando-nos-hão na lancha; depois, logo que se reconheça a passagem, voltarei a bordo desta galera para pilotar a esquadra até à entrada do porto de Vannes.

—Já não desconfio, respondeu o intérprete; mas, segundo a ordem de César, nem eu nem este soldado devemos abandonar-te um só instante.

—Seja como dizes, proferiu Albinik.

E a lancha da galera foi deitada ao mar. Nela entraram dois remadores, com o soldado e o intérprete; Albinik e Meroé embarcaram, e a lancha afastou-se da esquadra romana, disposta em crescente, e conservando-se sobre os remos, esperando-se a volta do piloto.

Meroé, assentada ao leme, dirigia a lancha se-

COMPANHIA DRAMÁTICA ITALIANA

«L'OMBRA», de Dario Niccodemi

«A sombra» de Dario Niccodemi é uma das peças mais emocionantes do illustre dramaturgo italiano.

Esmagada nos pela tragédia que encerra, e quando a sua protagonista está entregue a uma actriz como Vera Vergani, não há ninguém que saia do teatro de olhos enxutos, ou de espírito tranqüilo, porque a nossa sensibilidade vibra intensamente, e a pessoa menos fraca de sentimento, sente-se irresistivelmente amarrada àquela dor enorme, com toda a grandeza das suas amarguras morais e materiais.

Nesta peça, como em quasi todas de Niccodemi, a extensão dos diálogos não nos fatiga, porque o interesse que eles nos despertam, porque o conceito das suas frases é tão grato ao nosso sentimento, que a atenção demora fatalmente em volta daquelas cenas, daqueles tipos de sofrimento, tanto diversos, mas todos batidos da mesma insânia e da mesma tortura espiritual.

Vera Vergani foi assombrosa na interpretação que deu à esposa paralisada que recobra o movimento, depois de longos dez annos de sofrimento. Desde a expressão mortificada da sua fisionomia envelhecida, até a estupefacção delirante que experimenta, quando a vida activa corre de novo nas suas veias e torções, quando o sangue começa a dar vitalidade aos seus membros adormecidos, toda essa curva formidável de abatimento, de horror, de imobilidade, da feiz com uma estúpida verdade, com uma horrível realidade que transmuta subitamente, a existência de dor, numa alvorada de esperança para a vida que se descolina ovente, diante

de sua imaginação abatida durante tanto tempo, pela incerteza duma cura, que se lhe vai afigurando impossível.

As suas mãos brancas, erguem-se em hossa, no primeiro acto, quando a saúde e o movimento dela se aproximam, as suas palavras estremeçam ao contacto do incredulidade, os seus olhos choram de alegria e o seu pensamento vacilla entre o mistério e o irreal.

E o pano cai, e todos nós os que enchemos a platéia do Politeama, olhamos em silêncio, como se a tragédia tivesse passado perto de nós, como se a paralisia nos tivesse esfriado o sangue e nos adormecesse a vida, como a essa personagem que Niccodemi pôs na scena.

No segundo acto, quando se desmora a felicidade que antevia, ao contacto de um mundo novo de prazer, que o marido cria, naquelles annos de angústia, quando a sua prece de desesperação se eleva a pedir que a restitua à imobilidade e à ignorância da desgraça que vivia, Vera Vergani attingiu o máximo a que uma grande artista pode ambicionar, e não há um movimento, não há uma contracção de fisionomia, não há uma frase, que não sobressaia a nossa emoção e nos sacuda o turbilhão de pensamentos que desfilam perante o nosso espirito.

Luigi Cimara, correctissimo em todos os actos. Muito bem o médico cujo nome não me ocorre, Luigi Almirante no seu melhor papel, depois da peça de Pirandello, e os outros actores completando distintamente o conjunto.

Nogueira de BRITO

«GL'INNAMORATI», de Goldoni

Ultima noite da Companhia Dramática italiana, que tantas saudades nos deixa, Casa completamente cheia. Tudo o que Lisboa tem de bom e de escolhido nas artes, nas letras e no mundanismo frívolo, que deixou «as moscas» as primeiras réctas, tudo o que na sala podia caber lá estava no Politeama, e as ovações com que o espectáculo foi recebido traduzem bem a admiração que essa completíssima companhia dramática arrancou, ao público alfacinha, a quem, em via de regra, interessam mais os animatogramas e o Coliseu, do que o teatro de boa declamação.

«Gl'innamorati» de Goldoni transporta-nos da vida contemporânea de «L'ombra» à ingenuidade e contumélia social do século XVIII, com as suas cabeleiras empoadas e as barrigas das pernas, enchamadas. É a época de «capa e espada» gentil e contrapõe-se ao «smoking» dos nossos dias; é a aventura galante com todo o cume de ridiculidade da época, a pôr uma nota de paciência com o adultério sofrido do pacientemente, e a vida desbragada dos nobres, dos grandes salões modernos, onde brilham quasi transparentes as flores exóticas da elegância burguesa.

«Gl'innamorati» foi mais uma prova do grande talento de Vera Vergani e um pretexto feliz para nos dar uma faceta «sui generis» da companhia italiana. Mas, assim mesmo, no género de teatro muito diverso, os principais actores, foram inegavelmente a interpretação, na fidelidade indispensável, nesse tudo da «comedia» e de burlesco, que caracteriza a amorosidade do século de setecentos, quasi relictamente ligas suas características ingénias, em todos

os países da raça latina, só com a diferença do maior ou menor fausto.

Vera Vergani exteriorizou galantissimamente, a meua caprichosa, elumina e senhora da sua vontade, que alia a doçura do amor, à irritabilidade do temperamento, ora sorrindo ora recriando. O seu trabalho foi notável de observação.

Cimara, amoroso impenitente, capaz dos actos mais desesperados, interessando-nos de veras, pela verdade que deu ao papel de «Fulgêncio».

Muito bem, Magheri, nos seus ademanos e nas suas exageradas luvamias. Almirante serviu fiel e solícito, próprio do tempo, vinco, talvez de mais, o tipo, o que não impediu que andasse com a maior correcção. Frigor sempre o optimo elemento feminino da companhia, que desde «L'agrette» se afirmou bem. Brizzolari e os outros artistas perfectos.

Agora... cá ficamos aguardando a nova «tournee» da companhia.

Nogueira de BRITO.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

A melhor execução do concerto de São Luís, foi a interessantíssima «suiete» de Sully, verdadeira renda musical, em que não há um andamento que não tenha um relevo especial. Com Rameau e Couperin, Sully forma um trio incomparável, sem emulos fora da França. Nas opiniões mais acceitáveis, pela solidez de suas afirmativas, Sully tem para si a glória de ter sido o criador da ópera francesa. Muito se tem dito dela, e não havendo, na verdade, quem ponha em dúvida o seu autêntico talento de compositor, muitos criticos há, todavia, que

CRÓNICAS DE VIAGEM

ATRAVÉS DO PAÍS VIZINHO

No Guadiana — De Ayamonte a Huelva — A caminho de Sevilha

O Guadiana corria sereno, procurando o bom leito, como dia de lenha dos três rios, e é por isso que as suas margens são encantadoras desde a margem até à sua foz.

Foi aqui neste rio que a maldade dos homens escolheu para o papel assaz odioso de fronteira, que eu entrei em Espanha.

De manhã, quando as suas águas estavam coaguladas de barcos de pesca que chegavam do mar alto, de fragatas de guerra, de góndolas subindo e descendo vertiginosamente, arrumámos, no fundo do barco, as linhas, os anzóis e a rede, prontos para partir.

Na ponta valia alguns camaradas amigos acenavam-nos.

Dez minutos a quinze e lá estaríamos, nessa Espanha erguida diante de mim como uma fortaleza medieval.

A passagem não era difícil, mas nem por isso estava completamente isenta de perigos. Pelo menos o de não nos deixarem passar e ter que subir o rio, até Castro Marin ou descê-lo, entrar no oceano e ir à ilha Cristina do outro lado, à barra, à procura duma brecha para entrar no forte...

E eu estava com certa pressa. Estava ansioso por pôr pé em terra para começar a caminhar por esse estranho país, por essa Andaluzia encantadora, que se erguia na minha frente naquele esplendoroso dia de Agosto.

Ayamonte, assenta a sua casaria branca, do velho tempo árabe, no sopé duma colina, no alto da qual negrejam as muralhas dum velho castelo. É uma das portas da Espanha e parece ameaçar com a sua velhice garrida a plana e moderníssima Vila Real de Santo António, situada na margem direita um pouco a jusante, sem história, mas com centrada no seu intenso labor industrial, nas suas pressarias... E parece deitar a velha Ayamonte, orgulhosa dos seus pergaminhos: Deixa-me trabalhar, sou mais útil do que tu!

Ayamonte, lembra uma pomba branca que baixasse naquele ponto da margem para beber. Para o seu caos de pedra negra, dirigimos a pequena embarcação.

O contrabandista, que se encarregava de nos passar... de contrabando para Espanha, tomou os remos dizendo:

—Vão desentrolando a linha, assim, à moda de quem está a pescar...

La comigo um companheiro, muito calado, envolto na sumptuosidade daquele mistério que pela primeira vez me envolvia e como eu encantado por aquele processo ilegal de viajar.

Concei a enrolar e a desenrolar a linha de pesca.

—Vamos subir o rio, vamos rodear aquela fragata espanhola que ali está... para fugir às vistas da guarda fiscal... olha lá sai ela da guarita... Ah! mas está de costas.

O contrabandista era um práctico. Seria capaz de passar um regimento, escondendo-se com esta ou aquela terra, com esta ou aquela casa, as mãos à toa da água como quem espera o peixe e os olhos de revés na margem que deixávamos. Havíamos falado com ele, na véspera, à meia noite, numa rua escura de Vila Real, com redobrada cautela.

A passagem era arriscada, dizia ele, mas passaria. Já tenho passado tantos. Fômo-nos deitar, depois de não haverem banhado nas águas fustiores do Guadiana, e eu sonhei com certeza que caminhava já em Espanha...

Mas agora fomos já rodeando a fragata, em cujo convés passavam alguns officializos «snobs» e que nos encobria de todo Vila Real. Desce-nos então o rio, silenciosamente, espandando os remos mansamente na água clara. Ayamonte, a dois passos, deixava-nos ouvir as vozes dos seus habitantes.

Na muralha um velho marinheiro, de carabina à bandoleira; olhava para nós. O barquito acostou. Trepámos ao cais, um velho cais de grandes pedras com argolas de ferro de praça forte. O carabineiro interrogou-nos, apalpou-nos que infestava as regiões, mas que se con-

deu-nos a sua mão enrugada em que depositámos uma peseta.

—Nosotros ínos al pueblo de... pronto venimos de vuelta—tartamudeámos num mal pronunciado espanhol.

O velho hesitou, olhou em roda e ver talvez se o oficial viria ou não, depois encolheu os ombros, não sabendo bem se nos deixasse ir ou não; e porque não. Percebi que ele não compreendia bem porque era que a terra, toda a terra não era uma livre passagem...

Mas a peseta, muito branca, muito risonha, luzia na sua mão enrugada.

—Bueno, van ustedes con Dios...

Entrámos nas ruas estreitas do burgo, onde casas mouriscas, mas tão carregadas que pareciam novíssimas, por toda a Andaluzia há esta nota algarvia das casas brancas—casas velhas e lindas raparigas às portas e às janelas, olhando-nos com uma curiosidade risonha. E é logo à entrada da Espanha que o viajante vê confirmar-se a fama mundial da beleza e graça da espanhola. Depois por si adiante... Ah! camaradas!

Ayamonte possui uma bela praça, onde está o café central e donde parte o camion de passageiros para o interior.

Naquella momento o café estava cheio de officiaes e burguezes que vinham despedir-se dum comandante da guarda civil, ar torvo de esbirro do Santo Officio, e que, pelos vistos, tinhamos a honra de ter para companheiro de viagem.

E' censurado dizer que são parecidos com os burguezes e militares de cá. Apenas um cura que também partia lá alguma diferença dos de cá: usa saias, chapéu de copa baixa à maneira dos côcos carnavalescos e fuma como um danado... Por fim partamos. A estrada começa rodeando Ayamonte. A saída de vila encontramos diversas pareias de guarda civil, a corporação mais antipática da Espanha, formada há muitos annos para acabar com o bandoleirismo que infestava as regiões, mas que se con-

vertiu por sua vez num novo bandoleirismo que o povo sofre mais oidea.

A estrada dirige-se ao Norte para ir passar além da ria de Huelva, — uma formosa ria como a de Aveiro, — com Gibraltar, «pueblo» importante com uma ponte monumental. Depois desce para o sul, para Huelva. Atravessamos ampos de trigo, oliveiras, figueiras, sob um calor asfixiante e um céu azul glauco onde não alveja uma nuvem. Nos campos o povo moureja. Os trabalhos são um tanto primitivos feitos à mão, o braço, o que podia ser substituído muito bem pelas máquinas apropriadas.

O camião solta agora assobios roucos à entrada da cidade. Atravessa-se o bairro popular, cheio de operários, de baquillos jogando à péla nas ruas suas. Dum lado e outro as fábricas de metalurgia com altas chaminés lançando humo. Huelva é uma cidade fabril e industrial, com ruas toldadas, à antiga, com o costume mourisco, e à direita de quem entra como nós, grandes barcos, numa floresta bizarra de mastros e o oceano atlântico sulcado de alvoscentes carneiros naquele momento. Na rua mais central nos apeamos. Caminhámos nas ruas, ruidosas, semeadas de cafés com pianolas tocando tangos. Inquirimos pela estrada de Sevilha. Além, a que segue junto às grades dum grande jardim e cujo primeiro pueblo a passar é S. Juan.

Salmos de Huelva e começamos a palmar a estrada branca, olhando a um lado e a outro, contemplando os campos, soltando ora aqui ora ali, uma exclamação alegre...

O Vasco soltou esta exclamação olhando uma praça que se estendia a perder de vista:

—Olha, olha, parece a praça dos Selvagens...

As estradas possuem todas letreiros como as ruas. Não se pergunta nada a ninguém. O pó da estrada branqueava já os nossos sapatos.

Francisco QUINTAL

apontam na sua obra, a par duma grande heterogeneidade, uma certa falta de cuidado. Não é inteiramente justa esta asserção, porque o muito que fez, e a delicada inspiração que possuía, bastaria a dar ao seu nome, a cabida fama que logrou.

A Orquestra Sinfónica Portuguesa, com a regência de Lassalle, executou com bastante probidade a suite, salientando-se porém mais, no segundo e terceiro andamentos.

A sexta sinfonia de Beethoven, que nos agradao inteiramente no primeiro andamento, achamo-lo um tanto desarticulado no segundo, principalmente quando os metais intervinham.

«Jesus e a Samaritana» de José Henriques dos Santos é uma composição bem talhada, simples como convém ao assunto em que literariamente se baseia.

Nogueira de BRITO.

Festas artísticas

Um grupo de amigos e admiradores do ensaísta Pedro Cabral, realizou-lhe uma «Matinée» em festa de homenagem, no próximo dia 25 de Dezembro. Tomam parte nessa festa, os primeiros artistas de todos os teatros de Lisboa e todos os artistas do Teatro Apolo.

«Matinées» que começarão às 2,30 horas, constará de três partes distintas: parte literária, parte musical e apresentação de um presepe animado, devido ao pincel de Luiz Salvador e indumentária de Castelo Branco, onde tomarão parte 50 artistas e lida uma parábola em verso, escrita pelo poeta Silva Tavares.

Notícias

E' amanhã que a convite da direcção do Teatro Recreio do Povo, vai dar uma recita a Setúbal, a Companhia Lucília Simões, que representará a graciosa comédia «A Viagem do Senhor». A companhia regressa na quinta-feira a Lisboa, realizando-se à noite, em São Carlos, mais uma representação com a referida peça, em recita do secretário Costa Pereira e do camaroteiro daquele teatro.

A actriz Elisa Santos estreiar-se-há no Apolo, com a Companhia Otelo de Carvalho, na noite da festa artística da Jília da Assunção.

Reclames

A peça «A Vertigem», em scena no Teatro Nacional, pela intensa vida dos personagens, pela cuidadosa encenação, pela dialogação viva e cheia de interesse, é um dos melhores espectáculos com certeza o mais artistico da nossa capital.

Continuam as noites de intensaletria no Apolo, onde Lima Demol tem de trisar, todas as noites os seus fados à guitarra. Hoje, ali, repete-se a revista «Vida Alirada», com os sensacionais números em que figura um boi, e o do «Cassamento do Zumbá» e do quadro «A la base...» com Lima Demol, Jília de Assunção, Otelo de Carvalho, Artur Rodrigues e mais artistas, sendo também aplaudissimos Joaquim Almeida, nos seus vários papéis, e Aurélio Ribeiro, no «compère».

A Associação Humanitária dos Voluntários promove hoje em São Carlos uma recita a seu favor, a qual por todos os motivos deve ser concorridíssima. O espectáculo consta da representação de «A Rajada», uma das brilhantes coroas de Lucília Simões, havendo um acto de variedades, dirigida pelo escritor André Brun.

Esta noite far-se-há «reprise» no São Luís da encandadora opereta «Amor de Máscara», do inspirado compositor Ivan Daréls, que há perto de duas épocas se não representa entre nós, a qual tem a seguinte distribuição: «Pêndre», Aldina de Sousa; «Kelly», Beatriz Baptista; «Madame Gernance», Dulce de Almeida; «Balekan», Lurinda de Almeida; «Macambá», Maria Alvarez; «Sachá do Parquet», Armando Vasconcelos; «Leão do Preval», Fernando Pereira; «Natalis», Sebastião Ribeiro; «Belamio», Carlos Viana; «Gernance», Mário Campos; «Mordome», António Paiva; e «Um convidado», António Matos. A noite de hoje vai de certo marcar nos annos do São Luiz, mais uma página a letras de ouro.

Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios a segunda apresentação dos notáveis acrobatas equilibristas The Arkes. O trabalho arriscadissimo e emocionante do intrépido artista Cliff Acres no seu número «O Boide Humano» está despertando cada vez mais curiosidade entre o público de Lisboa.

Todas as noites no Avenida, com a encantadora opereta «O João Ratão», é o enlevo de toda Lisboa.

A ideia da empresa do Eden-Teatro de dar um espectáculo unico por noite, deu excelente resultado.

O teatro ontem teve uma enciclosa e hoje repetiu-lhe a visto que serão enciclosas duas zarzuelas de seguro êxito «Las hribonas» em 1 acto e 3 quadros e «El niño Julio», 2 actos e 5 quadros.

Ontem e hoje, o luvoso Sálao Olimpia tem exibido o «film» completo da «Aventurera de Monte Carlo», que é 10 episódios que por seu turno estão divididos em 20 quadros. E, certamente por se tratar de um «film» verdadeiramente extraordinário pela sua montagem, entrecho e interpretação, continuará mais alguns dias no feliz «crânio» do Sálao Olimpia.

CARTAZ

NACIONAL — A's 21 — «A Vertigem».

S. CARLOS — A's 21 — «A Castalia».

S. LUIS — A's 21 — «Amor de Máscara».

POLITEAMA — A's 21, 15 — «As Viragoes de Gernance».

APOLLO — A's 21, 15 — «Vida Alirada».

AVENIDA — A's 21, 30 — «O João Ratão».

EDEN-TEATRO — A's 20, 30 — «Las hribonas» e «El Niño Julio».

MARIA VITÓRIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21 — Grande companhia de circo.

GIL VICENTE — A's 21 — «O Domador de feras».

OLIMPIA — A's 20, 30 — Animatogramas.

SALAO FOZ — A's 11, 30 e 2, 30 — «Vindades».

CHIADO TERRASSE — A's 11, 30 e 2, 30 — Animatogramas.

CONDES (Avenida) — Animatogramas.

CENTRAL (Avenida) — Animatogramas.

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatogramas.

IDEAL (Loreto) — Animatogramas.

ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatogramas.

CHATELIER (Praça dos Restauradores) — «Las faldas».

PROMOTORA (Largo do Calvário) — Animatogramas.

EDEN-CINEMA (Rua do Alentejo) — Animatogramas.

João Maria Rodrigues

FALECEU

Lúcio Costa participa aos seus amigos e camaradas o falecimento do seu amigo e cunhado, e que o seu funeral se realiza hoje, pelas 13,30 horas, saindo da rua dos Anjos, 70.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rochas, ócas e maciças, tubos, moles, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E a casa que fornece em melhores condições).

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer, única privilegiada e acreditada fabricante para por ser a que faz melhor fúica e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (cuidado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhaleiros, assim como isqueiros, rochas, tubos, pipas e outros, aos melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 30 — LISBOA

Não se esqueçam

De que em todo o país só os fabricantes

Donas, da Covilha

Vendem, directamente ao público, todas as qualidades de fazedores de lá para

Fatos e vestidos

em todos os padrões e côres por preços baratíssimos ao alcance de todas as bolsas.

Depósitos de vendas a retalho:

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A



**LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL**

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

**Continente** — Encomendas postais até 6 quilos 3\$50, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. **Ilhas** — Encomendas postais, 6 quilos 6\$00. **Brasil e Países da União Postal** — Pacotes de 2 quilos 9\$50, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, 6\$00.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

	Pelo correio
Corraja.....	1\$20 1\$30
Corro Kabe.....	12\$00 12\$70
Corromato-Zamenhof.....	12\$00 12\$70
Clendareiro-1923.....	2\$50 2\$60
Cruz Heredajo.....	17\$50 18\$10
Corrente interna de miacim.....	3\$00 3\$30
Corrente de P'mizero.....	3\$00 3\$30
Correio (para convet.....	
Correio.....	15\$00 15\$60
Correio Vort. "Verax.....	20\$00 21\$40
Correio Rakontoj.....	6\$00 6\$30
Correio de La Lingvo Es.....	6\$50 6\$80
Correio de Zamenhof-Privat.....	20\$00 20\$60
Correio de la Montoj (il.....	12\$00 13\$20
Correio de Doloro.....	6\$00 6\$50
Correio.....	4\$00 4\$30
<b>Várias</b>	
Renovação. Revista Brasileira—Vários números, cada..	\$30
Renovação Popular. Revista editada pela Universidade Popular.....	\$50
Revista Natural e Cultura da Vida.....	\$50
Revista Naturista. N.ºs 1 e 2, cada.....	\$50
Revista. 1.º de Maio e Avila, 1915 e.....	\$30
Revista Nova, cada.....	1\$00
Revista Blanca (em espanhol), cada.....	2\$00
Revista Libres (em espanhol), cada.....	1\$50
Revista Vermelha, de vários autores, cada.....	\$25
Revista sem mestre.....	10\$00
Revista sem mestre.....	7\$50
Revista Internacional (Hino).....	\$20
Revista (Hino revolucionário).....	\$10
Revista (Cândido Figueiredo).....	150\$00

Handwritten text at the bottom of the page:

Handwritten text at the bottom of the page.